

Gênero e Psicanálise na Escola: histórias nada oficiais

A partir da expansão das reivindicações de legitimidade dos direitos dos grupos de LGBTTs (Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e transgêneros), nos foi possível perceber o quanto as causas defendidas por estas pessoas têm ganhado força nos debates políticos e sociais; seja de apoiadores, seja de pessoas contrárias ao estabelecimento de leis que se propõem a corrigir disparidades historicamente ligadas a estes públicos - por questões pessoais, políticas ou mesmo religiosas - mas, sobretudo, em decorrência do preconceito vigente em nosso meio social. Preconceito este que visa manter uma hegemonia do discurso heteronormativo, que constrói e atribui aos homossexuais masculinos descritos como “afeminados” - além de aos transexuais e transgêneros, a figura e os papéis sociais do feminino, historicamente associados a algo concebido como fraco e incapaz de gerir a própria vida; em oposição à figura masculina, sempre descrita como forte e viril, entre outros adjetivos que tem um valor simbólico positivo e de dominância sobre os demais. Não somente os homossexuais, mas todos aqueles que se expressam sexualmente de maneira diferente da referida norma, são retratados como aqueles que se assemelham à figura feminina e, por isso, não podem ter lugar de destaque ou ao menos igualdade perante os chamados “héteros” (ROLIM et. al. 2016, citando PARKER, 1991, 2002; TREVISAN, 2011).

Tal constatação vem ao encontro do que Foucault (1988) pontuou sobre a sexualidade:

(...) historicamente construída por dispositivos discursivos e de poder e, desse modo, deve ser analisada levando-se em consideração os aspectos culturais como organizadores da sexualidade e não como algo determinado biologicamente.

Ante o exposto, e por considerar o ambiente escolar enquanto espaço de acolhimento e formação para a vida em sociedade, faz-se necessário questionarmos tal instituição acerca de seu papel supostamente acolhedor - em especial - na vida dos indivíduos LGBTTs, uma vez que, tais pessoas podem encontrar nestes espaços tanto a compreensão e apoio de que necessitam para se desenvolverem enquanto cidadãos e cidadãs, como um local onde podem sofrer constantes hostilidades, o que pode vir a dificultar sua convivência nos demais espaços sociais.

Especificamente em relação à nossa sexualidade, Diana e Mario Corso (2018) pontuam que nascemos sexuados, mas não com uma diferença de gênero. Esta

diferença nos seria trazida através da linguagem, do discurso, enquanto possibilidade de existência em sociedade, e a divisão dos gêneros em *masculino* e *feminino* consistiria num “atalho binário” para os problemas de identidade. No caso dos adolescentes, afastar-se do desejo dos pais, negar suas origens, bradar “não sou como meus pais; não sou extensão deles”, significa a busca por uma “auto-fundação”, tendo em vista que, a expectativa que se coloca sobre o corpo se depara – por vezes – com a negação deste corpo e, no caso da população LGBTTT, tal condição pode configurar-se de maneira dolorosa em boa parte dos casos. Ressalte-se que – ao menos para a maioria das crianças e adolescentes em nosso meio social, a Escola é o lugar onde passam boa parte de sua existência antes de chegar à vida adulta.

Ao negar a importância de discutir gênero na Escola, denunciemos a dificuldade em questionar uma das únicas certezas de que dispomos: a referência à identidade sexual. Françoise Dolto nos chama a atenção para o que nomeou como “complexo da lagosta”, numa referência à adolescência como o período em que perdemos o exoesqueleto da infância e permanecemos um tempo sem uma nova carapaça que nos forneça limites sobre quem somos agora. Contudo, a teorização de Dolto sugere a existência desta condição para além da adolescência, circunscrita ao espaço temporal dos 12 aos 17 anos; ou seja, como algo atemporal em nossas vidas. Quando nos deparamos com pais ou responsáveis que não suportam a ideia de poder discutir gênero e identidade sexual com seus filhos, depósitos de suas identidades sexuais por vezes tão mal resolvidas, estamos nos deparando com as dificuldades de estabelecer os próprios limites da sexualidade destes pais, e daí a manifestação do complexo abordado por Dolto.

No caso de crianças e/ou adolescentes que tem a possibilidade de se perceberem no caminho do desenvolvimento de uma sexualidade não normativa, tal caminho pode se tornar mais doloroso, tendo em vista o receio pela não-aceitação. A questão do gênero e da identidade sexual fora da norma, são fatores que empurram os jovens para guetos, e lhes oferecem como único destino o isolamento e o sofrimento. Charles Melman, psicanalista, membro da Associação Freudiana Internacional, nos convida a refletir especialmente sobre a adolescência na nossa cultura, como uma fase caracterizada - primeiro - como um período de transição, mas, principalmente como suscetível de fazer sintoma, tendo em vista que as relações estabelecidas com os adolescentes em nosso meio, não são observadas em outras culturas de que temos notícia, onde ao púbere seria negado o lugar de seu gozo. Como se ele não fosse capaz ainda de ter segurança, propriedade sobre si e suas questões, a não ser quando se tornar um “adulto”. Ilusão destacada por Melman, que alerta para o fato de não

necessariamente o “adulto” ter seu lugar de gozo plenamente estabelecido em virtude da idade ou do *status* social de que possa desfrutar.

Neste sentido, as relações entre adolescentes e o espaço escolar, enquanto local de acolhida e construção de saberes sobre si e sobre o mundo, também funcionam como espelho onde se projetam expectativas e, portanto, processos de transferências e contratransferências que necessitam ser compreendidos, a fim de que o manejo com os atores que ali interagem cotidianamente seja o mais responsável e qualificado possível. A sexualidade que cada um exerce entre os pares, tenderá a ser a mesma que ele performará no mundo externo. E as demandas relativas à sexualidade, portanto – assim como as demais –, precisam ser acolhidas e pensadas em conjunto por educadores, estudantes e familiares, tendo em vista que a negativa do adolescente em se deixar introduzir na vida adulta que os pais lhe propõem, passa por sua dificuldade em aceitar a falibilidade destes pais e – eventualmente - dos educadores, quando estes são colocados no lugar de figuras de referência, pelo fato de os adolescentes reconhecerem nestas pessoas a sua própria falibilidade; quando também estas mesmas pessoas costumam não mais ocupar o lugar idealizado até então.

É fato pois que, em decorrência da espera vivenciada pelo adolescente, do ponto de vista social, para a tomada de responsabilidade sobre sua vida sexual, atos de contestação da heteronormatividade vigente possam ocorrer, incluindo a adoção do discurso de negação de uma sexualidade binária. E por isso mesmo, é necessário que haja diálogo e entendimento sobre o que estes jovens tem a comunicar com suas práticas e questionamentos, que muitas vezes foram os nossos também. Simplesmente vetar o diálogo e a construção de saberes e experiências neste âmbito, não nos assegura que nossas certezas frágeis estarão resguardadas, ou que nossas posições de autoridade e referência não passarão por reformulações.

Por fim, é sabido que as relações transferenciais farão sempre parte das relações sociais, assim como os processos de identificação muitas vezes irão influenciar as interações entre pais e filhos, escola e estudantes. O que talvez seja extremamente urgente, é o reconhecimento da importância da educação em gênero, como mais um modo de oferecer protagonismo aos sujeitos que buscam seu lugar entre os demais, porém, de maneiras não cristalizadas, e passíveis de mudança, assim como o próprio psiquismo humano.

Referências:

CORSO, D. L. e CORSO, M. **Adolescência em cartaz**: filmes e psicanálise para entendê-la. 1ª edição, Artmed, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MELMAN, Charles. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: **Adolescência: entre o passado e o futuro**. Alfredo Jerusalinsky e outros. Tradução: Francine Roche. 2ª edição. Editora Artes e Ofícios, 1999.

ROLIM, A. G. F.; BRITO, F. L.; MOREIRA, A. S. da S.; NASCIMENTO, M. D. **A realidade de um serviço de média complexidade, para o público LGBT, voltado para a atenção à saúde sexual e reprodutiva da população: do ideal ao real**. Extramuros, Petrolina – PE, v.4, n.2, p. 138-146, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/664>>. Acesso em 25/10/2018.